



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao canal de TV France 24

Paris-França, 07 de julho de 2009

Jornalista: Bom dia, senhor Presidente. O senhor está de passagem por Paris para receber um prêmio da Unesco e para encontrar o presidente Sarkozy antes de participar da reunião do G-8, na Itália. É raro para um jornalista encontrar um Presidente feliz, de um País feliz. Mas eu gostaria de começar com uma pergunta sobre um assunto grave, já que os nossos países estão de luto pela catástrofe do Airbus da Air France no voo Rio-Paris. Na sua opinião, é possível, a esta altura, encontrar a caixa-preta do avião e, assim, descobrir o que aconteceu para que sejam evitados novos acidentes no futuro?

Presidente: Olha, eu, primeiro gostaria de encontrar as pessoas vivas. Não sendo possível, nós fizemos um esforço muito grande para encontrar 51 dos passageiros. Eu acho que com os avanços tecnológicos, pode ser que um dia a gente consiga encontrar a caixa-preta do avião, porque aquelas águas são muito profundas, ou seja, há quem diga que está a 4 mil metros de profundidade. Portanto, é muito difícil. Nós só temos que lamentar porque não era previsível que em um lugar tão tranquilo, o avião pudesse cair. Agora, nós só vamos saber o que aconteceu no dia em que encontrarmos a caixa-preta, ou se a Air France tiver informações ou se a Airbus tiver informações. Fora isso, nós temos que lamentar profundamente e pedir a Deus que não aconteça um outro desastre como este.

Jornalista: Sei que quando o senhor visita Capitais estrangeiras o senhor promove a candidatura do Rio para sediar os Jogos Olímpicos em 2016. Mas o



Brasil já vai organizar a Copa do Mundo de futebol em 2014. Não seria o caso de deixar um pouco para os outros, presidente Lula?

Presidente: Olhe, faz mais de 40 anos que a América do Sul... América Latina não tem uma Olimpíada, ou seja, a última foi em 1968, no México. A Copa do Mundo, o Brasil realizou em 1950. E eu acho que o Brasil tinha o direito de realizar a Copa do Mundo em 2014. As Olimpíadas são uma necessidade de autoafirmação da região, sobretudo da América do Sul. Ou seja, o Brasil está entre as dez maiores economias do mundo há muito tempo, e entre esses países, o único que não realizou uma Olimpíada foi o Brasil. Ou seja, portanto, é de direito do Rio de Janeiro reivindicar a realização das Olimpíadas de 2016. O Brasil está com a economia estável, a nossa previsão é uma previsão sólida de crescimento. Portanto, o Brasil está preparado. Por isso é que estamos nos oferecendo como sede das Olimpíadas de 2016. A cidade do Rio está preparada, o estado do Rio está preparado e o Brasil está preparado para receber os atletas dos Jogos Olímpicos e fazer a maior Olimpíada da história das Olimpíadas. Ou seja, nós temos condições de fazer isso, por isso estamos reivindicando.

Jornalista: O direito, mas também a possibilidade e a segurança, presidente Lula. O senhor tem certeza que o Brasil pode organizar, com dois anos de intervalo, dois grandes eventos esportivos planetários com boas condições de segurança?

Presidente: Certeza absoluta. Nós realizamos os Jogos Pan-Americanos e não aconteceu absolutamente nada, até porque nós envolvemos mais de dez mil jovens da comunidade para participar do assessoramento das Olimpíadas, fazendo parte da segurança. E o povo brasileiro é um povo pacífico demais, ou seja, eu estou certo de que nós teremos segurança total na Copa do Mundo,



segurança total nas Olimpíadas, e eu acho que lá nenhum atleta corre nenhum risco, porque o povo brasileiro é um povo de boa índole.

Jornalista: O senhor participará em alguns dias do G-8, como observador. O que é mais importante para o Brasil: os Jogos Olímpicos em 2016 ou entrar no clube das grandes potências econômicas?

Presidente: Ora veja, eu acho que o G-8 não tem mais significado, até porque essa crise econômica mostrou que os países emergentes estão em situação econômica melhor do que alguns países ricos. Portanto, eu acho que hoje você não pode discutir crise econômica e discutir as questões econômicas, sem levar em conta a China, sem levar em conta a Índia, sem levar em conta o Brasil, sem levar em conta a Rússia, o México, a África do Sul. Ou seja, eu acho que o G-8 era um clube que aos poucos está perdendo o sentido de ser. O próprio presidente Sarkozy já tem dito várias vezes que é preciso que haja o G-8 mais o G-5, ou seja, o G-6, o Gordon Brown também. Ou seja, são poucos aqueles que querem ainda manter o G-8, e eu não sei se ele se manterá. Eu acho que o grande fórum para discutir a crise econômica será o G-20, e acho que nós poderemos criar outros fóruns para discutir, por exemplo, a questão climática. Isso não está na lógica do G-8, e eu acho que o G-8 já não representa mais os anseios da humanidade.

Jornalista: Quando o senhor toma a palavra para falar sobre o G-8, já soa como membro pleno...

Presidente: Olha, eu penso que aos poucos a China, a Índia, o Brasil, a África do Sul, o México, nós temos tido um debate em igualdade de condições. Ou seja, porque não há nenhum assunto que o G-8 possa discutir que não interesse a um país como a China. Como é que você vai discutir a questão



climática sem o Brasil? Como é que você vai discutir a questão econômica sem a China? Sem a Índia? Então, eu penso que nós precisaríamos participar mais ativamente, não do G-8, eu acho que era preciso que a gente mudasse e envolvesse mais países importantes, inclusive que a gente discutisse a crise econômica ouvindo os países pequenos. Ou seja, não são só as grandes economias que têm que decidir os problemas econômicos do mundo. Eu acho que, por menor que seja um país, possivelmente ele tenha uma idéia boa para dar. Por isso é que nós trabalhamos para reformar a ONU, para que a ONU seja o fórum das grandes discussões sobre os problemas do mundo.

Jornalista: Há um verdadeiro milagre econômico brasileiro e se afirma freqüentemente que a crise econômica não foi tão dura para o Brasil. Como o senhor vê a saída da crise para um país como o Brasil?

Presidente: Olhe, o Brasil foi o último país a ser vítima da crise e, certamente, é o primeiro país a sair da crise. Ou seja, a economia já voltou a crescer, já há sinais extraordinários em vários setores da economia. Só para ter um exemplo, a indústria automobilística brasileira no mês de junho bateu recorde histórico de produção e de vendas. O primeiro semestre deste ano foi melhor que o primeiro semestre do ano passado, que foi um bom ano. Nós fizemos várias políticas anticíclicas, nós reduzimos vários tributos que o Estado cobrava e, portanto, nós voltamos a produzir em muitas áreas. Ainda tem problema no setor siderúrgico, tem problema no setor têxtil, mas em outros setores a economia já dá sinais importantes de recuperação e acho que nós já entraremos em 2010 em uma situação muito confortável. Tanto o Banco Central brasileiro quanto os ministros da área econômica estimam que nós poderemos crescer entre 4,5% e 5% em 2010. Eu trabalho com a hipótese de crescimento porque nós tínhamos um grande programa de investimentos em infraestrutura, feito em 2007, e esse programa está em andamento agora. Nós



lançamos um grande programa habitacional de 1 milhão de casas populares para pessoas que ganham mais [menos], para ativar a construção civil. De forma que eu trabalho com muito otimismo com relação ao futuro do Brasil.

Jornalista: O senhor aumentou o salário-mínimo no Brasil em 12% este ano. Como o senhor faz para que os patrões, as empresas privadas não protestem?

Presidente: Não. Nós aumentamos o salário mínimo, veja, em 8,91 (por cento) e nesse período todo já aumentamos por volta de 65% do salário mínimo. Ou seja, nós tomamos uma decisão de todo ano aumentar um pouco o mínimo, para que a gente possa recuperar o poder aquisitivo dele. Eu acho que os empresários estão conscientes de que o trabalhador ganhando um pouco mais, o trabalhador vai consumir um pouco mais, a loja vai fazer mais pedidos à empresa, a empresa vai produzir mais, vai gerar mais empregos, e a gente vai poder dar mais aumento para os trabalhadores. Afinal de contas, eu acho que quanto melhor ganhar o trabalhador, mais consumo ele vai fazer e mais a fábrica vai ter que produzir. É uma lógica da economia, que nós não podemos deixar parar.

Jornalista: Tudo isso, esse milagre econômico brasileiro, um grande partido, (incompreensível) graças ao senhor, o senhor tem uma grande popularidade no seu país, em torno de 80%. Por que o senhor não quer se candidatar novamente em 2010 para um terceiro mandato?

Presidente: Primeiro, porque eu acho que no Brasil nós temos que respeitar a lógica da democracia. O Brasil... e nesse momento, o maior período contínuo de conquista da democracia, e nós não podemos brincar com a democracia. Eu acho que dois mandatos são suficientes para a gente cumprir um programa. Se daqui a algum tempo for necessário concorrer, concorreremos. Se não for



necessário, ficaremos como eleitores, ou seja, eu penso que no Brasil está bom dois mandatos para o presidente da República.

Jornalista: É que na América Latina, por exemplo, o senhor Uribe e o senhor Chávez não pensam da mesma forma.

Presidente: Veja, mas eu também acho normal uma pessoa querer mais que dois mandatos. Cada país e cada governante age em função da sua realidade. Aqui na Europa, um primeiro-ministro fica 16 anos, 17 anos, 18 anos e as pessoas não vêem isso como um absurdo. E é uma eleição quase indireta, porque é o Parlamento que indica. Mas eu não acho isso um absurdo, eu acho que se um primeiro-ministro quer ficar 12 anos, que fique. Como ficou a Margareth Thatcher, como ficou o Felipe Gonzalez. Ou seja, se alguém quer concorrer a mais de um mandato, concorra. Para mim, dois mandatos são suficientes. Acho que um é pouco, dois é bom, três é demais.

Jornalista: A filosofia de Lula é “cada um faz o que gosta, o que acha melhor”?

Presidente: Ora veja, não é aquilo que gosta, é aquilo que o povo quer que seja feito. Vamos pegar o caso de Honduras, agora. O Brasil condena de forma veemente o golpe que foi dado lá. Qual foi o crime que o Presidente cometeu? Convocar um referendo para saber se o povo queria que tivesse reeleição. Não há crime nenhum nisso, o povo poderia votar contra, poderia votar a favor. O que não pode é resolver o problema via golpe. Nós temos que resolver via participação popular.

Jornalista: Serão necessárias sanções contra os militares golpistas de Honduras?



Presidente: Eu acho que nós temos que ser muito duros. Nós não podemos admitir, em hipótese alguma, que alguém se sinta no direito de derrubar um governo legitimamente eleito pelo povo. A América Latina sofreu muito os golpes da década de 60, e nós não vamos permitir que isso volte a acontecer.

Jornalista: Muito obrigado, Presidente Lula, por receber France24.

Presidente: Obrigado.

(\$31DHJMQ)